

EDUCAR PARA A CIDADANIA

Tais Michalski
Orientadora: Lúcia Schneider Hardt
Doutora em Educação/UFRGS

RESUMO: O artigo discute a função social da escola na vida dos estudantes e reflete em que medida é possível educar para a cidadania. A investigação foi realizada em uma escola de Ensino médio no município de Nova Trento /SC. As primeiras conclusões mostram a relevância da escola para educar para a cidadania destacando que isso não significa ajustar os estudantes a uma sociedade já plenamente regulada. As vivências práticas dos sujeitos devem incentivar novas maneiras de ser e agir na escola e por extensão na sociedade. O trabalho ainda apresenta uma breve análise da complexidade dessa tarefa apesar de ser anunciada com muita frequência em todos os ambientes educativos.

Palavras-chave: Educar, cidadania, sociedade.

ABSTRACT: *The article discusses the social function of the school in the life of the students and reflects to what extent it is possible to educate for citizenship. The research was carried out in a high school in the municipality of Nova Trento / SC. The first findings show the relevance of the school to educate citizenship by highlighting that this does not mean adjusting students to an already fully regulated society. The practical experiences of the subjects should encourage new ways of being and acting in school and by extension in society. The paper also presents a brief analysis of the complexity of this task despite being announced very often in all educational settings.*

KEYWORDS: *Educate, citizenship, society.*

1 INTRODUÇÃO

O termo cidadania se tornou, hoje, uma palavra de ordem. Foi incorporada pelo discurso pedagógico e acabou sendo a meta de toda escola brasileira. Sem dúvida o desafio é pertinente, contudo a questão que este artigo pretende discutir é: Em que medida educar para a cidadania é uma tarefa possível considerando as práticas pedagógicas vividas na escola? E se educar para a cidadania significa contemplar as demandas da sociedade.

Não é possível estabelecer uma resposta genérica, de toda forma um dos textos estudados no curso demonstrou a dificuldade em aproximar nossa intenção como adultos e o que efetivamente acontece no corpo dos estudantes. Educar para a cidadania implica contribuir para a formação de indivíduos mas vale questionar-se: este conceito de cidadania não estaria sendo utilizado de forma pouco crítica, facilitando excessivamente esse processo de formação? Existiria diferença entre cidadania e liberdade?

Este artigo não pode adentrar todas estas questões, mas vai debruçar-se sobre uma escola, de ensino médio para a partir de entrevistas tentar descobrir em que medida uma educação para a cidadania se concretiza.

O texto discutido no curso e que fez nascer esta pesquisa indaga: *Educar o cidadão: Que êxito esperar de um ofício impossível?* O artigo é parte de um livro da USP que discute Filosofia, Educação e Formação e o autor do artigo é Etienne Tassi, professor da Sorbonne/Paris. Diz ele:

Em primeiro lugar, conduzir-se civilmente na escola é adotar uma maneira de ser, ou melhor, uma maneira de agir em relação aos outros que privilegia a convivialidade em detrimento de comportamentos egoístas ou violentos. A cidadania certamente não se reduz a convivialidade; porém, ela a requer e a convivialidade experimentada na escola felizmente prepara para a cidadania. (2017, pg.15)

Assim contribuir para a formação de cidadãos seria contribuir para a formação de indivíduos cada vez mais livres e humanos. A escola ocupa um lugar importante nesse processo.

Uma de suas funções é proporcionar um ambiente humanizado, para produzir um espaço de compartilhamento do conhecimento e experiências, portanto, um espaço democrático. É na escola que se intensifica a vida em sociedade, pois, antes de seu convívio com a comunidade escolar, sua

convivência era restrita, apenas a sua família, suas culturas e seus costumes, assim, entende-se, que escola, é ambiente propício para educar para a cidadania. Na verdade, o que está em jogo, é precisamente o desafio de fazer educação, pois, isto é inspirar liberdade dentro do respeito pela autoridade. A partir desta nova fase, começa a viver as experiências que se relacionam com a convivência em sociedade, que pode viabilizar a construção de uma comunidade mais justa, que permitirá proporcionar a emancipação de seus sujeitos.

Vale destacar que o autor referido anteriormente sugere ter cautela com nosso otimismo, pois a escola pode fazer muito, mas ela mesma está atrelada a alguns paradoxos: a autoridade que exerce sobre os alunos nem sempre é democrática, a liberdade na escola constantemente é negada em nome da disciplina e assim nossas pretensões de educar para a cidadania ficam em alguma medida comprometidas.

Assim, para pensar esse tema definimos uma escola para analisar como o processo de educação para a cidadania se realiza.

A educação é relevante para o indivíduo quando de fato reflete em sua vida particular e social, trabalha diferenças, respeito, ensina direitos e deveres mostrando que todos podemos ter voz ativa perante a sociedade. A escola contribui para a formação da identidade do indivíduo nela inserido, é necessário entendermos o significado desta; que é o reconhecimento de seu próprio valor, segundo Duarte (1999), o saber cotidiano não é o mesmo para todos os indivíduos, é particular em decorrência de suas experiências de vida, que são diversificadas. O indivíduo deve procurar na escola os seus próprios ideais, a liberdade de expressão e o recheio de seus sonhos, rumo a cidadania que objetivam.

Estamos vivendo um mundo extremamente globalizado, onde as discussões sobre formar cidadãos é assunto em todas as sociedades, é preciso entender, que todos participamos, direta ou indiretamente de influências de muitas culturas, próximas ou distantes, com hábitos e valores, que juntos constroem nosso país.

Ser cidadão, educar para a cidadania é assunto atual e relevante dentro do ambiente escolar, pois, nela encontra-se uma grande diversidade cultural e para que a educação e os níveis de aprendizagem possam ser produzidos, deve estimular a convivência direta com estas diferenças. Segundo Soares (2003, p.

161), as diferenças fazem parte de um processo social e cultural e que não são para explicar que homens e mulheres, negros e brancos, distingue entre si, é antes entender que ao longo da história, as diferenças foram produzidas e usadas socialmente como critérios de classificação, seleção, inclusão e exclusão.

Assim, acredito que a escola é o espaço intermediário entre a vida privada e a pública, e assim, não se torna nem uma, nem outra. A escola é de fato o ambiente que possui a maior dificuldade em educar. Trabalhar com o conhecimento sobre cultura, é uma missão desafiadora, tornar o aprendizado parte da educação básica, da formação para cidadania do adolescente, desde seus primeiros anos escolares, lembrando que o conhecimento não se adquire a partir de uma série de informações técnicas, mas sim através da construção de saberes, das trocas de culturas.

O processo de aprendizagem não depende apenas da estrutura biológica do indivíduo, os estímulos recebidos desde sua infância, caracteriza cada ser humano, com sua história particular e única, formada a partir de sua vivência, social e cultural. O ser cidadão surge a partir de um conjunto de saberes, crenças, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz e evolui em cada pessoa, tornando-o membro de uma sociedade complexa e social, faz parte do íntimo de suas experiências. Somos seres críticos e analíticos, porque temos contato com outros seres de nossa mesma espécie e capacidade, e isso é o que deve ser trabalhado dentro das escolas, as habilidades dos seres humanos, mas que evolui apenas na interação entre os indivíduos. Nós seres humanos não nascemos um ser social, nos tornamos sociais a partir da convivência com outras pessoas. Nossa sociedade hoje, exige uma educação efetiva, que sua prática pedagógica esteja de acordo com a realidade. O processo educativo segundo Freire é organizado na relação entre currículo, conhecimento e cultura. Para tanto, o saber do povo se apresenta eficaz nesse modo de se fazer educação, valorizando a cultura, onde a partir de um trabalho interdisciplinar possibilita ao educando a compreensão e experiência do conceito adquirido.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando falamos em cidadania e procuramos um dicionário de língua portuguesa podemos observar tais afirmações como “qualidade de cidadão”, “qualidade de uma pessoa que possui, em uma determinada comunidade, política, o conjunto de direitos civis e políticos”. Portanto, surgem muitas dúvidas de como garantir que a cidadania seja efetivamente praticada no ambiente escolar, considerando as inúmeras transformações do mundo. Assim, é importante refletir sobre a cidadania dentro da escola, pois, entende-se que tal instituição continua sendo um espaço privilegiado para trocas e saberes e de vivências. A rapidez das transformações sociais provoca igualmente mudanças individuais. É neste ponto que a escola precisa também ser atuante, principalmente os professores, responsáveis diretos por promover essa educação cidadã. Contudo dar conta desse processo e assumindo que a própria escola também vive seus paradoxos vale pensar com Tassin, quando diz:

Como podemos imaginar fazer de um aluno um cidadão se não podemos educá-lo, se o educador não pode justificar a autoridade que reivindica e nem o aluno pode vivenciar sua suposta liberdade e experimentá-la? Um cidadão não é, antes de tudo, alguém que sabe conduzir-se, o que significa ser seu próprio mestre governa-se e conduzir-se respeitosamente com os outros, orientar-se por si mesmo na existência, ser autônomo, pautando toda sua atitude em relação ao outro? Porém, não é ele também alguém que reconhece a autoridade da lei e a respeita, ao mesmo tempo em que sabe pensar e agir livremente, recusando qualquer submissão? Alguém que sabe obedecer, assumir seus pertencimentos, e que, ao mesmo tempo, recusa-se a se resignar, mantendo sua liberdade? A tarefa, como podemos ver, é mais que difícil: esperamos da educação escolar uma cidadania democrática que incita uma atitude de civilidade sem submissão, de autonomia sem individualismo, de independência sem menosprezar os outros.(2017, pg.16)

Estamos, portanto, diante de um grande desafio. Assumimos com muita rapidez o discurso- *educar para a cidadania*, contudo a tarefa não é tão simples assim. Alguns autores procuram apresentar algum esclarecimento ao tema. Entre estes autores, Gentili e Alencar afirmam que “a cidadania deve ser pensada como um conjunto de valores e práticas cujo exercício não somente se fundamenta no reconhecimento formal dos direitos e deveres que a constituem na vida cotidiana dos indivíduos”. (GENTILI; ALENCAR, 2001, p. 87). Não é

suficiente que se defina um conceito formal, mais importante é a prática dessa definição. Cidadania significa, além do reconhecimento dos direitos e deveres dos cidadãos, o cumprimento dos mesmos por parte da sociedade e de cada indivíduo conscientemente.

De acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997), a contribuição da escola é a de articular um projeto de educação comprometida com o desenvolvimento de capacidades que permitem intervir para transformá-la. Preconiza que o convívio escolar é um fator determinante para a aprendizagem de valores e atitudes.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica-CNE/CEB n.º 4, de 13 de julho de 2010, também apresentam normalizações importantes para o exercício da cidadania no âmbito escolar. São normas obrigatórias para a Educação Básica que orientam o planejamento curricular das escolas e sistemas de ensino, fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE).

Esperamos que a escola não somente instrua os alunos, mas também que ela eduque para a cidadania, um ser civil, isso nos apresenta muitas dificuldades, como formar no ambiente escolar um cidadão, que se comporte como tal, enquanto é apenas um aluno. Se comportar civilmente na escola é adotar uma maneira de ser, de agir. A cidadania certamente, não se reduz à convivialidade; porém, requer, e a convivialidade vivenciada no ambiente escolar finalmente prepare para o exercício cidadão. Hoje não é somente educar no seio da instituição escolar o cidadão adulto de amanhã, conduzindo sua vida para a sociedade, mas antes de tudo, incitar o aluno a experimentar e exercitar na escola uma forma de responsabilidade, que atenda a convivialidade; o viver-junto que esperamos com o exercício de cidadania.

A dificuldade de educar para a cidadania fica manifesta considerando os seus próprios paradoxos anteriormente anunciados. Assim segundo Tassin (2017) encontramos uma escola com uma educação infrutífera, uma autoridade infundada, e uma liberdade negada. Na verdade, o que está em jogo na escola é precisamente educar, inspirar a liberdade dentro do respeito pela autoridade. Como fazer de um aluno um ser cidadão, que sabe conduzir-se, governar-se respeitosamente com os outros, ser autônomo.

A formação de cidadão é uma tarefa mais que difícil, esperamos da educação escolar uma cidadania democrática, uma atitude de civilidade sem

submissão, de autonomia e independência. Isso porque a meta para os alunos também é elevada e, assim, a tarefa parece impossível.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo está pautado na investigação a respeito do tema proposto, a formação para a cidadania, a partir de uma escola. Foram realizadas entrevistas com alguns integrantes em uma escola estadual do município de Nova Trento-SC, ouvidos alunos, professores e membros da equipe de gestão. Seguindo um roteiro de entrevistas, mediante gravação de áudio, conseguimos observar o comportamento dos envolvidos no dever de suas funções. As entrevistas têm por objetivo descrever as características e se aprofundar com o tema pesquisado, podendo, assim, realizar uma análise de dados qualitativa.

A entrevista, nas suas diversas aplicações, é uma técnica de interação visando enfrentar eventuais isolamentos para produzir uma pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Entrevistamos porque temos interesse no que o outro pensa, como ele sente seu espaço de trabalho. O principal motivo de se realizar uma entrevista é porque temos interesse no outro, suas histórias e suas análises. Este artigo fruto de uma pesquisa qualitativa buscou exatamente isso: o outro que pode ajudar a pensar como educar para a cidadania e qual a complexidade desta tarefa. O propósito da entrevista neste caso não seria criar classificações, gráficos, mas buscar compreender a experiência de outras pessoas e os significados que elas atribuem para essas experiências que dialoga com o tema do artigo. Compreender plenamente o que o outro quis dizer também é sempre um limite e, portanto, devemos considerar essa realidade também. Para o desenvolvimento deste artigo, primeiramente se fez um levantamento documental, buscando leis nacionais, estaduais e municipais para o embasamento da pesquisa. Também, houve um estudo sobre como o tema da cidadania vem sendo tratado no Brasil e aspectos que delinearam a formação cidadã nos dias atuais, para assim, realizar entrevistas com os professores, membros da equipe de gestão e alunos vinculados ao Ensino Médio.

4 ANÁLISE DE DADOS

Um dos processos mais difíceis da escola é fazer educação dentro dos princípios de cidadania. A preparação para cidadania nas escolas é um trabalho amplo e contínuo, em que muitas vezes modifica as pessoas envolvidas, possibilitando a transformação dos sujeitos. Assim, é necessário que toda a sociedade esteja envolvida, incluindo a família, os professores, os funcionários, e também em diferentes situações ou realidades que encontramos. Dentro da unidade escolar em estudo, a construção da cidadania tornou-se um trabalho coletivo, em que todos são responsáveis e contribuem para a formação deste modelo de educação. Todos os professores e gestores abraçam essa perspectiva de educar para a vida, mas pode-se perceber também, que o exercício para se tornar um ser cidadão, é além de todo estímulo, uma atividade individual, porque depende de cada pessoa.

O encontro com o outro por meio das entrevistas e as histórias e experiências que contaram revelaram em parte um certo otimismo com a tarefa de educar para a cidadania assim como apontado por Tassin. Temos dificuldades de enfrentar a complexidade desta tarefa, e talvez aceitar que ela não se realiza plenamente na escola.

No ambiente escolar segundo os entrevistados, os alunos têm a possibilidade de viver experiências que simulam situações que decorrem da sociedade, possibilitando um aprendizado de como lidar com vivências diárias. A escola tem um papel importante neste processo, pois, viabiliza o acesso ao conhecimento científico e a formas de convivência. Alguns entrevistados revelaram a importância de algumas políticas públicas para conviver com as diversidades da sociedade. Outros revelaram que a unidade escolar trabalha de forma singular com os envolvidos, atendendo suas frustrações de forma individual. Possui como um dos principais objetivos, contribuir com a qualidade de vida de cada indivíduo inserido ao grupo, tratando de suas angústias, procurando ajudar com os imprevistos que aparecem no dia a dia dos estudantes, que de fato são adolescentes, e se encontram na fase das incertezas, e também, com os assuntos, que muitas vezes trazem para dentro da unidade, como problemas com a família, gravidez na adolescência, drogas.

Este processo de construção da cidadania, não está presente somente nos currículos ou em documentos que regem a unidade, pode-se perceber, pelo atendimento e pela fala que se encontra no ambiente escolar. As pessoas que se envolveram com o estudo, relatam a eficiência e o sucesso do trabalho realizado pela equipe gestora. Encontramos dentro do ambiente um currículo escondido, oculto, que é praticado por todos e que atravessa as quatro paredes de uma sala de aula, concretizando-se nos pátios, nas áreas de lazer, nos refeitórios, nos momentos de diversão dos alunos, nas bibliotecas, ou seja, em todos os espaços a cidadania está em constante desenvolvimento.

Segundo Tassin para superar em parte os limites que a escola enfrenta para concretizar uma educação para a cidadania, ela precisa considerar uma retomada do conceito de autoridade vinculando tal conceito com o reconhecimento daquele que exerce a autoridade. Ou seja, os adultos devem ser reconhecidos pelos jovens como aquele que exercem autoridade com legitimidade. Com mais intensidade destaca também a necessidade de pensar a liberdade numa outra direção:

O único aprendizado da cidadania é aquele que resulta de uma emancipação em relação a uma tutela; contudo, paradoxalmente, ele parte, ao mesmo tempo, do reconhecimento de uma obrigação em relação aos outros, ou, antes de mais nada, em relação à sua liberdade. Aprender a ser cidadão é aprender a ser livre, aprendendo aquilo que é compatível com a liberdade daqueles com quem vivemos e com quem devemos agir. O aprendizado da liberdade é o aprendizado do vínculo da liberdade. Somente esse vínculo da liberdade, essa obrigação em relação à liberdade do outro que me impõe minha própria liberdade, pode dignamente ter o nome de cidadania. (Tassin, 2017, pg.29)

Diante do exposto, notou-se que para construir a cidadania no ambiente escolar é necessário ensinar a conviver com os outros, possuir respeito e solidariedade, mas é preciso expor suas ideias e opiniões, desenvolver a consciência e a criticidade construtiva que visa o melhor, podendo manifestar seu próprio pensamento.

Os professores atuantes nas salas de aula deixaram esse requisito da cidadania muito relevante em suas práticas diárias, trabalham com várias metodologias, e as modificam de acordo com a realidade de cada turma, sabendo ouvir e valorizar a opinião do grande grupo. Procuram sempre manter

um ambiente agradável, para desenvolver condutas de tolerância, medir atitudes e, principalmente, praticar a participação democrática, trocar experiências, realizar objetivos em comum, construir valores junto com seus alunos, moldar o currículo de acordo com interesses dos estudantes, para desta forma, se concretizar o processo de construção da cidadania.

O corpo docente apresenta discussões para despertar o interesse e envolvimento de todos os estudantes, para se relacionar com as realidades, trabalhar com as variadas relações pedagógicas e as características da constituição humana e social, o conjunto de valores universais, destacando os que possuem dentro da cultura de cada aluno, conseguindo, assim, envolver o educando nas aulas de áreas específicas e também nos demais momentos, ensinar o cuidado e o respeitar ao espaço público, e alheio, assim como com o próximo, o outro cidadão.

A unidade escolar e sua equipe compreende que o ser humano além de aprender com os livros e professores, também se propõe a aprender com os outros. Uma forma coletiva e interativa, não deixando o aluno como um subordinado, as leis ou regras impostas fazem parte do currículo que norteiam o caminho da unidade, mas são totalmente mutáveis, e isso pode acontecer constantemente. A escola, os professores e todos os profissionais envolvidos no processo educativo conseguem perceber que os alunos não são homogêneos, assim trabalham com seus conhecimentos prévios de formas diferenciadas, percebendo que para ser cidadão não precisa necessariamente estar incluído em algum direito social básico. Todos os seres humanos são e devem ser considerados como cidadãos, pois, quando chegam ao ensino médio, já são adolescentes e todos carregam consigo uma grande bagagem, tornando-os, assim, um ser único, e cada um sempre conseguirá transmitir um pouco de seus conhecimentos ao próximo.

Portanto, pode-se compreender que auxiliar no processo de construção da cidadania, não é uma tarefa fácil, nem para escola, como também para as famílias. Os problemas ocorrem nos dois ambientes, dificuldades sempre serão encontradas, mas como todo exercício de cidadania, necessita-se ter clareza sobre os direitos, mas primeiramente, sobre seus deveres, precisa-se observar e respeitar ao próximo. Assim, a educação encontrará a possibilidade de

construir uma sociedade melhor, em que todos tenham a oportunidade de serem ativos e críticos.

Talvez seja importante também assinalar o que nosso autor referência (Tassin) nos diz sobre o que significa refletir sobre eventuais sucessos ou fracassos deste projeto de educar para a cidadania. Segundo ele uma escola não tem sucesso quando apenas educa para uma cidadania sempre bem ordenada e já regulada. Ajustar um indivíduo a tudo que já está posto não é necessariamente um bom projeto de formação. Nossa tarefa talvez também implique reconhecer que um certo fracasso (e por isso educar o cidadão: que êxito esperar de um ofício impossível?) é em parte o sucesso da tarefa, pois:

a educação fracassa quando pretende educar seres integrados à dita sociedade. E a emancipação fracassa quando se dá por objetivo conduzir educar o aluno à altura dessa comunidade bem ordenada. Para que a educação não fracasse inteiramente na tarefa de educar um ser humano e de formar um cidadão ou uma cidadã, é preciso renunciar ao civismo como medida de uma comunidade reconciliada com ela mesma, bem como renunciar a querer adequá-los a ela. Portanto, fracassando em formar um cidadão perfeito para uma comunidade perfeita, ela terá contribuído para liberar o aluno das tutelas e das normas que entravam sua liberdade, indicando a ele sua obrigação que o liga àqueles e àquelas que, emancipados como ele, não têm direito algum de pretensamente exercer uma tutela sobre ele. (Tassin, 2017, 30-31)

Para pensar uma educação para a cidadania é preciso pensar na possibilidade de mudança, e por isso não cabe apenas educar para uma sociedade bem ordenada. Educados para outras maneiras de agir, ser e pensar implica também apostar em uma outra sociedade que a partir de suas mazelas consegue deslocar-se para construir novos parâmetros de convivência e cidadania.

Parece que Tassin nos ajuda a entender melhor nossa tarefa de educadores, afinal, a escola estudada mostrou o empenho de todos, dedicação, e não podemos nos frustrar quando ainda assim enfrentamos dificuldades e limites. Talvez isso que ainda entendemos como fracasso tenha sinais de renovação e mudança. Afinal nossa sociedade ainda necessita de uma escola, não para adaptar alunos ao que já existe, mas fazê-los pensar naquilo que ainda podemos criar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este artigo reafirmando que o termo cidadania se tornou, hoje, uma palavra de ordem. Foi incorporada pelo discurso pedagógico e acabou sendo a meta de toda escola brasileira. Nos indagamos: Em que medida educar para a cidadania é uma tarefa possível considerando as práticas pedagógicas vividas na escola? E mais, em que medida o sucesso desta tarefa implica ajustar os estudantes a uma sociedade já totalmente regulada. Pensamos ter defendido que o tema é complexo e ambíguo, pois muitas vezes somos capturados pelo canto da sereia que ao anunciar uma educação para a cidadania acabe se desdobrando em uma plena integração a sociedade existente. O ofício de educar parece ser um ofício impossível pois justo na escola explodem as contradições entre liberdade e disciplina, autoridade e reconhecimento, tutela e emancipação. Ao desejar educar para a cidadania também não queremos sujeitos indisciplinados, mas sujeitos capazes de reconhecer o valor de sua liberdade e do outro. Educadores devem ser reconhecidos por sua autoridade exatamente porque desejam fazer acontecer a formação.

A função social da escola é fazer desse turbilhão de encontros, uma possibilidade para criar novas maneiras de ser e agir que a própria sociedade ainda não experimentou. Então aquilo que por vezes no cotidiano pedagógico aparece como fracasso (não ficou ajustado as normas) pode ser o sucesso da escola que está conseguindo não apenas contemplar o que desejam dela, mas fazer nascer outros sonhos e projetos.

Com a pesquisa pode-se compreender que é na escola que os alunos encontram os seus próprios ideais, conquistarão e aprenderão a lidar com sua liberdade de expressão, seus direitos e deveres, rumo a cidadania que a sociedade precisa para melhor se desenvolver. Professores e alunos, aprendem juntos, são transmissores de conhecimento e, ao mesmo tempo, construtores. Com o avanço tecnológico, auxiliador de formação de indivíduo, a educação é a área considerada a mais importante, nas suas mais diversas formas, para a condução e efetivação da cidadania, pois, a capacidade de criar, entender e libertar só serão consumadas desde que for feita menção à mesma.

Dentro do ambiente escolar, pode-se perceber a importância que este espaço tem em relação à formação do indivíduo para que ele possa saber usar o seu conhecimento de forma responsável na sociedade que pertence. Assim, o aluno constrói seu conhecimento, adquire liberdade e consolida a ética, através da educação, e também pela sua convivência diária com o ambiente e comunidade escolar para sempre ser desafiado a imaginar uma sociedade ainda melhor e mais justa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**: CNE/CEB nº 4.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei n. 9.396/96.

Brasília: MEC/SEF, 2010. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei 9394/96. Brasília, 1996. Secretaria de Educação Fundamental.

DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vygotsky**. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 1999.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, Jose Eustaquio. **Autonomia da escola, princípios e propostas**. Ed. Cortez, 7 edição.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. Diversidade Cultural: **A Importância das Diversas Culturas no Ensino-Aprendizagem, no Desenvolvimento da Cidadania e na Preservação de Valores Éticos e Morais**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 02, Vol. 01. pp 376-403, Abril de 2017.

TASSIN, Etienne. **Educar o cidadão: que êxito esperar de um ofício impossível?** In: Filosofia, Educação, Formação: I Jornada Internacional de Filosofia da Educação –III Jornada de Filosofia e Educação da FEUSP / organizadores Cristiane Maria Cornelia Gottschalk, José Sérgio Fonseca de Carvalho, Julio Groppa Aquino. São Paulo: FEUSP, 2017. 370 p.